

# Relação entre ordem de nascimento e estilos interpessoais

## Relation between birth order and interpersonal styles

Mauro de Oliveira Magalhães

Doutor em Psicologia (UFRGS), Professor da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA – Canoas, RS), Pesquisador visitante no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Endereço para correspondência

Mauro Magalhães

Rua Presidente Kennedy, 84 - Edifício Kennedy, apto 201

CEP 40130-200

Salvador - Bahia

E-mail: [mauro.m@terra.com.br](mailto:mauro.m@terra.com.br)

Relação entre ordem de nascimento e estilos interpessoais

Relation between birth order and interpersonal styles

## **Resumo**

O estilo interpessoal é um aspecto da personalidade referente à forma particular do indivíduo participar e obter influência no meio social. Origina-se na infância a partir das primeiras interações no grupo familiar. As crianças buscam um lugar no qual se sintam aceitas e valorizadas no seu ambiente social. Sugere-se que a posição do indivíduo na genitura familiar, denominada ordem de nascimento, é uma variável importante neste processo. Esta pesquisa investigou diferenças de estilo interpessoal entre as seguintes categorias de ordem de nascimento: filhos únicos, primogênitos, 'do meio' e caçulas. Participaram do estudo 435 estudantes universitários (196 homens e 239 mulheres) com idades entre 18 e 40 anos ( $M = 23,3$ ). Os sujeitos responderam a uma medida de estilos interpessoais e a um breve questionário demográfico. Foram encontradas interações entre sexo e ordem de nascimento para diferenças de estilo interpessoal. Mulheres caçulas revelaram maior tendência a buscar sucesso e aprovação social do que mulheres primogênicas e homens caçulas. Homens caçulas também revelaram menor necessidade de aprovação social do que homens primogênitos e filhos únicos. E homens filhos únicos mostraram maior expectativa de serem o centro das atenções nos seus relacionamentos sociais. As implicações teóricas são discutidas.

Palavras-chave: ordem de nascimento; estilos interpessoais; personalidade.

## **Abstract**

Interpersonal style is one aspect of personality related to the particular way the individual participates and gains influence in social contexts. It has its origin in the childhood first social interactions in the family group. Children search for a place where they feel accepted and valued in their social environment. It is suggested that the individual position in the family geniture, named birth order, is an important variable in this process. The present study investigated differences of interpersonal styles among the following categories of birth order: only children, firstborns, middle children and lastborns. The subjects were 435 college students (196 men and 239 women) with ages ranging from 18 to 40 years ( $M = 23,3$ ). The subjects answered measures of interpersonal style and a brief demographic questionnaire. Interactions between sex and birth order were found. Lastborn women showed greater tendency to search for success and social approval than firstborn women and lastborn men. Lastborn men also revealed less need of social approval compared do firstborn men and only children. Only children showed greater expectation to be the center of attention in their social relationships. Theoretical implications are discussed.

Key words: birth order; interpersonal styles; personality.

Desde as idéias de Adler (1954/1912), realizaram-se uma quantidade considerável de pesquisas sobre diferenças individuais relacionadas à ordem de nascimento ou posição ordinal no grupo de irmãos (Sulloway, 1999, 2001). A influência da ordem de nascimento sobre a personalidade é uma questão que ocupou mais de 2000 estudos nos últimos 75 anos (Beer & Horn, 2000). As pesquisas têm revelado que os irmãos criados na mesma família são quase tão diferentes quanto os indivíduos sem laços de parentesco (Sulloway, 1999; Healey & Ellis, 2007). Portanto, uma das questões mais intrigantes para a psicologia da personalidade é descobrir por que os irmãos são tão diferentes. Numa perspectiva darwiniana, Sulloway (1999) defende que a personalidade é o repertório das estratégias que cada indivíduo desenvolve no esforço de sobreviver à infância. As diferenças marcantes entre irmãos podem ser entendidas por um processo de diversificação evolutiva, que torna possível a coexistência de organismos com necessidades ecológicas idênticas num mesmo ambiente. Explica-se a seguir. Na medida em que as crianças se desenvolvem, cada uma seleciona um nicho no ambiente familiar. O termo nicho deve ser entendido aqui como um papel e identidade que possibilitem acesso aos recursos sociais e materiais disponíveis no contexto da família. Os primeiros filhos têm maior possibilidade de escolha e, na medida em que o fazem, reduzem as alternativas dos mais jovens, que tendem a escolher nichos ainda desocupados ou a criar opções diferentes. Este é o processo de diversificação evolutiva. Ao desenvolver interesses e habilidades diferentes, os irmãos minimizam a competição direta e continuam lutando pelo investimento parental (Sulloway, 1999). Por outro lado, Dreikurs (1963) acrescenta que “as crianças em nossa sociedade democrática e competitiva, vivem comparativamente; isto é, cada uma se move na direção que a outra falhou, ou encontra dificuldades, e evita atividades nas quais outros obtêm sucesso”. (p. 252) Por exemplo, se o primogênito é excelente na escola, os nascidos mais tarde provavelmente não se interessarão tanto pelos estudos, mas sim por outras atividades onde o primogênito possa mostrar falta de interesse ou habilidade. Estes processos de seleção de interesses, papéis e identidades têm sido usados para explicar as diferenças de personalidade apresentadas por irmãos (Adler, 1954/1912; Dreikurs, 1963; Eckstein, 2000; Sulloway, 1999). A posição ocupada por cada criança lhe trará obstáculos particulares e lhe exigirá estratégias e traços que podem vir a se tornar características marcantes do seu comportamento nos próximos estágios de vida.

Ernst e Angst (1983) revisaram 40 anos de pesquisas sobre o tema e concluíram que os efeitos encontrados foram superestimados e apontaram limitações em muitos delineamentos utilizados. Sulloway (1999, 2001) retomou as análises de Ernst e Angst (1983) e selecionou 196

pesquisas que atenderam aos padrões que estes autores consideraram adequados. A metanálise destes estudos melhor delineados revelou que existem resultados recorrentes e confiáveis sobre as relações entre ordem de nascimento e personalidade. Sulloway (1999) concluiu que, “apesar de todas as críticas, a bibliografia sobre a ordem de nascimento exhibe tendências comportamentais sistemáticas”. (p.81) O argumento de Sulloway (1999, 2001) de que a competição entre irmãos pelo investimento parental leva as crianças a cultivar nichos familiares associados à ordem de nascimento recebeu apoio empírico de inúmeras pesquisas recentes (Healey & Ellis, 2007; Saroglou & Fiasse, 2003; Zweigenhaft, 2002). E, nas últimas décadas, uma nova proliferação de investigações sobre o tema levou Zajonc e Mullally (1997) a afirmar que “a ordem de nascimento tem sido rapidamente restabelecida como um fator relevante em psicologia”. (p.698)

Sulloway (1999) organizou suas hipóteses sobre a relação entre personalidade e ordem de nascimento de acordo com as cinco grandes dimensões de personalidade (extroversão, conciliatividade, abertura à experiência, escrupulosidade e neuroticismo). Entre os 196 estudos analisados, 72 apresentaram resultados compatíveis com as hipóteses lançadas pelo autor, 110 indiferentes e 14 refutações. Sobre a dimensão de extroversão, as análises indicaram que primogênitos são mais extrovertidos em termos de maior assertividade e disposição para a liderança. No que se refere à sociabilidade, outra faceta da extroversão, os caçulas se destacaram como mais prestativos e populares. Neste sentido, revelaram serem mais aquiescentes e despreocupados, características associadas à dimensão de conciliatividade/amabilidade (do original *agreeableness*) da taxonomia dos cinco grandes fatores. A abertura à experiência foi negativamente associada à posição do primogênito, pois este tende a ser mais convencional e tradicionalista, com estreita identificação com seus pais. Deste modo, o primogênito acaba por ser mais responsável, voltado para as realizações, organizado e planejador; sendo que estes traços correspondem à dimensão de escrupulosidade. E, por fim, quanto à dimensão neuroticismo, os primogênitos se revelaram mais ciumentos, angustiados, neuróticos e medrosos.

Adler (1954/1912; 1929/1969) sugeriu que o filho único tende a acreditar que deve ser o centro das atenções e que o seu temor maior é vir a ser destronado por um irmão mais jovem. Nas palavras do autor, “... ele realmente sente que este é seu direito e se a sua posição é ameaçada, ele pensa que isto é uma grande injustiça. Na sua vida posterior, quando não é mais o centro das atenções, poderá apresentar dificuldades”. (Adler, 1954/1912, p.152-53) Algumas pesquisas indicaram limitações em habilidades sociais, maior incidência de comportamentos problemáticos e intervenções terapêuticas na infância de filhos únicos (Eckstein, 2000). Por outro lado, estes

aspectos já foram atribuídos à monitoração excessiva e a superproteção parental (Falbo, 1984; Dunn & Plomin, 1990). De acordo com as idéias seminais de Adler (1954/1912), o filho único é tanto o alvo das elevadas expectativas parentais, geralmente reservadas para os primogênitos, quanto recebe os favores e cuidados típicos de um filho caçula. Para Dunn e Plomin (1990), alguns destes indivíduos, ao tentar preencher todas as expectativas parentais, acabam por apresentar déficits de autonomia, em comparação às demais posições de nascimento.

O primogênito desfruta de um período mais ou menos longo de acesso exclusivo à atenção dos pais. Após este período, ele é destronado, uma expressão que se tornou popular e que se refere à experiência do primogênito diante do nascimento de um segundo filho. No estudo de Feiring, Lewis e Jaskir (1983), a interação dos pais com os seus primogênitos dois anos mais velhos se mostrou mais vigilante, menos disposta para brincadeiras e mais tensa após o nascimento do irmão. O estresse causado por esta experiência leva a sentimentos de ciúme e amargura, que podem permanecer reprimidos e resultar em insegurança na vida adulta. Embora outras crianças, tais como o caçula, possam experimentar sentimentos de destronamento, estes não serão tão intensos, pois elas já teriam vivenciado a cooperação com outros irmãos (Adler, 1954/1912). O destronamento é freqüentemente citado em casos de crianças encaminhadas para intervenção psicológica, e uma alta incidência de problemas comportamentais é registrada em primogênitos destronados (Dunn & Kendrick, 1982). Kalmuss e Davidson (1992) sugeriram que o maior flagelo dos primogênitos é a inexperiência dos pais, que experimentam maior ansiedade e são menos competentes por ocasião do primeiro filho. Diante de cuidados inconsistentes, o primogênito pode desenvolver insegurança, dependência e medos irracionais.

Vários estudos indicaram que os primeiros filhos tendem a ser mais afiliativos e dependentes da aprovação de outras pessoas, e, portanto, mais sugestionáveis por figuras de autoridade (Eckstein, 2000), apoiando as idéias de Adler (1954/1912), que sugeriu que primogênitos destronados tentam recuperar sua posição atendendo as expectativas dos pais. Neste sentido, Newman, Higgins e Vookles (1992) concluíram que estes indivíduos dependem mais dos padrões externos, ditados pelos pais ou outras pessoas, para pautar o seu comportamento e formar a sua auto-avaliação, em comparação aos não primogênitos.

Algumas pesquisas sugerem que primogênitos e filhos únicos tendem a buscar a interação social como forma de lidar com o estresse, mais do que outras posições ordinais. Este comportamento foi atribuído a maior rapidez com que mães primíparas respondem ao chamado dos filhos, resultando na criança a expectativa de que outros significativos podem ser imediatamente confortadores em situações difíceis. Neste sentido, pesquisadores sugeriram que primogênitos sejam mais propensos a responder à ansiedade com a afiliação (Eckstein, 2000).

Os registros de maior realização acadêmica de primogênitos (Marjoribanks, 1997) estimularam estudos que constataram que os pais tendem a ter expectativas irrealistas e a exercer pressões indevidas sobre o desempenho destas crianças, em comparação com os filhos subsequentes. Isto pode instigar um desejo acentuado de realização por parte da criança, gerar ansiedade diante da possibilidade de não corresponder aos padrões parentais e baixa auto-estima se chegar à conclusão que não é bom o bastante (Dunn & Plomin, 1990; Marjoribanks, 1997).

Por outro lado, os pais tendem a perceber os primogênitos como mais capazes e inteligentes, outorgando-lhes, mais freqüentemente, o controle das situações. Neste sentido, os pais mais velhos tendem a incorporar o papel parental diante dos mais jovens. Esta postura pode despertar atitude de responsabilidade, cuidado e proteção em relação aos mais fracos; e também poderá, quando exagerada, resultar no desejo de manter os demais dependentes e ditar regras (Adler, 1954/1912; Dunn & Plomin, 1990). De modo geral, as características típicas destes indivíduos incluem autoconfiança, perfeccionismo, habilidades de organização, metas elevadas de realização, inclinação acadêmica, conservadorismo, valorização do sucesso e boas habilidades de comunicação com os adultos (Eckstein, 2000).

Os registros de maior realização acadêmica de primogênitos (Marjoribanks, 1997) estimularam estudos que constataram que os pais tendem a ter expectativas irrealistas e a exercer pressões indevidas sobre o desempenho destas crianças, em comparação com os filhos subsequentes. Isto pode instigar um desejo acentuado de realização por parte da criança, gerar ansiedade diante da possibilidade de não corresponder aos padrões parentais e baixa auto-estima se chegar à conclusão que não é bom o bastante (Dunn & Plomin, 1990; Marjoribanks, 1997). Por outro lado, os pais tendem a perceber os primogênitos como mais capazes e inteligentes, outorgando-lhes, mais freqüentemente, o controle das situações. Neste sentido, os pais mais velhos tendem a incorporar o papel parental diante dos mais jovens. Esta postura pode despertar atitude de responsabilidade, cuidado e proteção em relação aos mais fracos; e também poderá, quando exagerada, resultar no desejo de manter os demais dependentes e ditar regras (Adler, 1954/1912; Dunn & Plomin, 1990). De modo geral, as características típicas destes indivíduos incluem autoconfiança, perfeccionismo, habilidades de organização, metas elevadas de realização, inclinação acadêmica, conservadorismo, valorização do sucesso e boas habilidades de comunicação com os adultos (Eckstein, 2000).

Revisões das pesquisas sobre ordem de nascimento apontam como um dos resultados mais consistentes a tendência dos primogênitos para alcançarem maior nível educacional e apresentarem QI mais elevado (Zajonc, 2001). Em contraste aos estudos com homens, Bohmer e Sitton (1993)

compararam a ordem de nascimento de 201 mulheres consideradas expoentes na sua área profissional e encontraram que as caçulas selecionaram carreiras científicas e se destacaram mais freqüentemente do que as demais.

Os filhos 'do meio', aqueles que possuem tanto irmãos mais velhos quanto mais jovens, nunca esperam uma atenção parental completa. O estereótipo de uma criança 'do meio' negligenciada parece ter algum fundamento, que pode ser o sentimento internalizado de uma falta de papel específico no grupo familiar, especialmente após o nascimento do irmão mais jovem (Eckstein, 2000). A negociação das atenções e espaços com primogênitos potencialmente dominadores e caçulas vorazes por atenção pode desenvolver habilidades diplomáticas nos filhos 'do meio', assim como maior resiliência a estressores. Foi sugerido que estas crianças se tornam as pessoas menos ansiosas, despreocupadas, disponíveis para o lazer e extrovertidas. E com propensão a mostrar independência, flexibilidade, diplomacia e generosidade, o que vem a contrastar com a ambição e a rigidez dos primogênitos (Eckstein, 2000; Ernst & Angst, 1983).

As crianças mais jovens ou caçulas são supostamente mais capazes de estabelecer o seu ritmo de desenvolvimento e aprendizagem sem experienciar exaustão psicológica, pois geralmente não sofrem as pressões dispensadas aos mais velhos (Eckstein, 2000). Elas tendem a desenvolver boas habilidades sociais, promovidas pela constante interação com irmãos. Indivíduos que ocuparam esta posição têm sido descritos como seguros, mas ainda dependentes, o que é atribuído a presença de muitos cuidadores na infância. Estas pessoas podem apresentar dificuldades para estabelecer autonomia na vida adulta, e sentimentos de inferioridade e de que não são levadas a sério (Richardson & Richardson, 1990). Esta condição seria o resultado de perceber, quando crianças, que todos os demais eram maiores, mais fortes e competentes, e achar que nunca iriam competir em bases iguais e justas (Ernst & Angst, 1983).

Na medida em que precisam competir pela atenção dos pais num ambiente em que outros já ocuparam os nichos familiares mais disponíveis, os caçulas podem se tornar mais flexíveis e abertos à mudança, procurando estratégias alternativas e mais criativas diante de situações desfavoráveis (Gould, 1997). Porém, tendo sido tratados como os 'bebês da casa', geralmente não recebem reconhecimento suficiente por suas realizações e podem vir a se rebelar ou simplesmente desistir de agradar às figuras de autoridade. Neste sentido, tendem a assumir mais riscos, a serem mais criativos, rebeldes e pouco disciplinados (Toman, 1993).

Sulloway (1999) salientou os efeitos interativos entre sexo e ordem de nascimento. A partir da revisão exaustiva de pesquisas anteriores, com destaque para os estudos pioneiros e sofisticados de Koch (eg. Koch, 1955), posteriormente revisados por Brim (citado por Sulloway, 1999), o autor constatou que a ordem de nascimento exerce uma influência significativa no comportamento

relacionado ao gênero, esclarecendo o que segue.

Uma das razões por que a ordem de nascimento interage com o gênero com tanta frequência é que essas duas variáveis promovem estratégias similares. Os organismos sociais buscam acesso aos recursos valorizados de duas maneiras fundamentais: a dominação e a cooperação. O comportamento promovedor do status é uma tendência dos primogênitos. É também uma tendência “masculina”. A cooperação é uma tendência dos caçulas, e é também uma tendência “feminina”. (Sulloway, 1999, p. 82)

A reanálise dos dados de Koch (eg. Koch, 1955) feita por Brim (citado por Sulloway, 1999) dividiu as medidas comportamentais usadas no estudo original em traços “instrumentais” e “expressivos”, para caracterizar os papéis masculino e feminino, respectivamente. As tendências masculinas incluíram liderança, competitividade, assertividade e agressão; e as femininas incluíram a afeição, a cooperação e a flexibilidade. As análises mostraram que os primogênitos de ambos os sexos destacam-se pelos traços instrumentais. E as tendências expressivas foram predominantemente manifestadas pelas meninas e pelos caçulas.

Os meninos caçulas (especialmente os que têm uma irmã mais velha) foram considerados particularmente 'efeminados' por seus professores. As meninas consideradas flexíveis e agradáveis foram julgadas ainda mais dotadas destes traços quando eram as irmãs caçulas. Nas díades que incluíam uma primogênita e um menino caçula, as meninas eram de fato mais masculinas do que os meninos. (Sulloway, 1999, p. 83)

Sulloway (1999) conclui que a ordem de nascimento determina muitos traços associados aos estereótipos de gênero; e sugere que “o estudo do gênero é o estudo da ordem de nascimento, e vice-versa”. (p.83) Ora, muito do comportamento relacionado ao gênero, assim como os efeitos da ordem de nascimento, é um resultado da dinâmica do sistema familiar.

A construção de uma teoria, em grande parte, significa a criação de regras gerais a serem aplicadas aos casos individuais. Adler (1954/1912) descreveu tendências de comportamento associadas às diferentes posições ordinais e esclareceu que não é o número da criança na ordem de nascimentos sucessivos que influencia o seu caráter, mas a situação em que nasce e como a interpreta. A ordem de nascimento, assim com outras informações igualmente relevantes, auxilia a construção de hipóteses sobre o estilo de vida ou personalidade. Portanto, o autor esclareceu que as suas descrições devem se encaradas como premissas gerais, um ponto de partida para a investigação da individualidade. Por exemplo, se o primogênito apresenta limitações, o segundo filho pode assumir as características de uma criança mais velha. Ou, se numa família numerosa duas crianças nascem muito mais tarde do que as demais, e se desenvolvem juntas como uma dupla destacada do grupo, a mais velha poderá desenvolver os traços de um primogênito (Adler, 1954/1912).

Adler (1954/1912) propôs que a criança, a partir das suas experiências e observações no contexto familiar, desenvolve um plano e uma estratégia própria para inserir-se no ambiente social e alcançar *status* e reconhecimento. Este plano, denominado *estilo de vida* na terminologia adleriana, permanece relativamente estável durante a vida. As estratégias elaboradas funcionam como âncoras do estilo interpessoal do sujeito, isto é, o protótipo básico de sua maneira habitual de resolver as questões interpessoais da vida. Sulloway (1999) salientou que “o que há de sistemático na ordem de nascimento é a essência geral das estratégias, e não comportamentos específicos empregados para atingir esses fins”. (p.82) Portanto, a ambigüidade dos achados nas pesquisas sobre ordem de nascimento pode ter sido o resultado de uma ênfase em comportamentos específicos ao invés de focar as estratégias utilizadas pelos indivíduos para enfrentar os estressores particulares de suas posições ordinais e alcançar aceitação e *status*. Neste sentido, Sulloway (1999) sugeriu que a consistência dos efeitos da ordem de nascimento pode ser encontrada no exame do estilo de vida, isto é, da forma particular do sujeito perceber e enfrentar as situações que se apresentam.

Curlette, Wheeler e Kern (1997), a partir das idéias de Adler (1912/1954, 1929/1969), desenvolveram o BASIS-A (*Basic Adlerian Scales of Interpersonal Styles*) a fim de avaliar o estilo interpessoal, considerado o aspecto fundamental do estilo de vida. A construção do instrumento partiu da premissa de que as percepções infantis sobre o meio social formam crenças que permanecem como o referencial orientador do indivíduo na sua busca pelo sucesso nas relações sociais. Portanto, o propósito do BASIS-A é identificar estas crenças e estratégias prototípicas, e compreender como afetam o comportamento social do indivíduo no presente. A questão de pesquisa que guiou esta investigação foi examinar se existem efeitos combinados de sexo e ordem de nascimento sobre o estilo interpessoal. As posições ordinais investigadas foram filhos únicos, primogênitos, 'do meio' e caçulas.

## **Método**

### Participantes

Participaram do estudo 435 estudantes universitários de ambos os sexos (196 homens e 239 mulheres), com idades entre 18 e 40 anos ( $M = 23,3$ ) de diversos cursos: psicologia, serviço social, administração, educação física, matemática e engenharias.

### Instrumentos e Procedimentos

As variáveis de estilo interpessoal foram medidas através do BASIS-A (*Basic Adlerian Scales of Interpersonal Styles*) (Curlette, Wheeler & Kern, 1997). O BASIS-A é um inventário composto de 65 itens, distribuídos em 5 escalas básicas e 5 escalas suplementares, que informam

sobre tendências comportamentais no contexto grupal. A interpretação de cada escala está baseada em evidências empíricas acumuladas em extensos estudos de validação (Curllette, Wheeler & Kern, 1997). O cabeçalho do instrumento dita o início de todas as questões com a introdução “Quando eu era criança, eu...”, que tem continuidade, em cada item, na descrição de comportamentos específicos. A versão brasileira mostrou dados de precisão e validade satisfatórios numa amostra de 828 estudantes universitários (Magalhães, 2005). As descrições a seguir representam o significado geral dos escores elevados em cada escala.

- a) **Pertença/Interesse Social:** indica extroversão e prazer de estar em grupo, capacidade de empatia e popularidade (ex: “... me enturmava facilmente num grupo”);
- b) **Acompanhamento:** indica a preferência por situações estruturadas, aquiescência e evitação de conflito (ex: “... me envolvia em muitas brigas na escola” - escore invertido);
- c) **Comando:** indica a busca de controle, dominância e liderança (ex: “... era mandão”);
- d) **Reconhecimento:** reflete a busca por sucesso e realização de padrões de desempenho, associada ao desejo por respeito e aprovação (ex: “...me sentia importante quando fazia as coisas certas”);
- e) **Cautela:** avalia o quanto o indivíduo percebe o seu entorno social como hostil ou desfavorável, resultando numa abordagem cuidadosa das situações que pode oscilar para o extremo oposto de falta de cuidado e imprudência; também está associada a sensibilidade aos estados subjetivos alheios (ex: “... não podia ser sincero com meus pais”).

As 5 escalas suplementares que oferecem informações adicionais às escalas básicas descritas acima, a fim de possibilitar uma interpretação mais detalhada. Estas são as seguintes:

- A) **Severidade:** identifica a pessoa que pode querer que outros a vejam como tendo passado por grandes dificuldades e traumas na infância (ex: “... um dos meus pais me achava um caso perdido”);
- B) **Intitulação:** indica a crença de que deve ser o centro das atenções e que, por fim, poderá conseguir as coisas da sua maneira (ex: “... conseguia tudo o que eu queria”).
- C) **Ser Gostado:** sugere a tendência para encontrar lugar no grupo agradando e conquistando a aprovação dos demais (ex: “... queria agradar os adultos”).
- D) **Busca de Perfeição:** caracteriza a presença de altos padrões e a sensibilidade a enganos ou erros (ex: “... era bom em cuidar de detalhes”).
- E) **Suavidade:** indica uma percepção otimista dos fatos, que, quando muito acentuada, pode significar o desejo de mostrar-se numa imagem favorável (ex: “... era amigável”).

A coleta de dados foi realizada em sala de aula, sendo que os professores, oportunamente e com autorização da direção do respectivo curso, disponibilizaram 60 minutos para o procedimento. Os alunos foram convidados a participar da pesquisa e, aqueles que concordaram, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os sujeitos foram agrupados, de acordo com a ordem de nascimento, nas seguintes categorias: primogênitos, únicos, 'do meio' e caçulas. O primogênito foi definido como a primeira criança a nascer da união dos seus pais; o caçula como a última a nascer; o 'do meio' foi aquele com

tanto irmãos mais velhos quanto mais jovens, e o filho único àquele que nasceu e viveu sem a companhia de outras crianças na mesma residência. Foram calculadas as diferenças de idade entre o sujeito e o irmão imediatamente mais velho e/ou o mais jovem. No caso de uma diferença maior do que seis anos, seguindo a sugestão da literatura (Bohmer & Sitton, 1993), o sujeito foi excluído da amostra para evitar imprecisão na definição da posição ordinal. Indivíduos com irmãos gêmeos, adotivos ou que informaram serem provenientes de famílias reconstituídas e que conviveram, quando crianças, com irmãos não consangüíneos, também foram excluídos por este motivo. Atendendo a estes critérios, foram excluídos 34 casos. Foram examinados os efeitos combinados de sexo e ordem de nascimento num delineamento fatorial 2X4 (2 categorias de sexo e 4 categorias de ordem de nascimento), tendo, como variáveis dependentes, as escalas de estilo interpessoal.

## Resultados

A tabela 1 apresenta a estatística descritiva dos escores das escalas de estilo interpessoal em cada categoria de ordem de nascimento no grupo de mulheres. Observa-se que não houve casos de mulheres filhas únicas. A tabela 2 apresenta a estatística descritiva dos escores das escalas de estilo interpessoal em cada categoria de ordem de nascimento no grupo de homens.

TABELA 1

*Médias e Desvios Padrão dos Escores de Estilo Interpessoal e Valores de N em cada Ordem de Nascimento em Mulheres*

Escalas de Estilo Interpessoal	Posição na ordem de nascimento											
	Primogênito			'Do meio'			Caçula			Total		
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP
Pertencimento	59	34,22	5,58	98	34,34	7,12	58	35,71	5,71	215	34,67	6,37
Acompanhamento	59	31,05	5,97	98	30,86	5,96	58	33,29	5,19	215	31,57	5,84
Comando	59	21,39	7,54	98	20,01	6,70	58	19,67	7,95	215	20,30	7,28
Reconhecimento	59	41,51	6,73	98	43,80	7,63	58	44,69	7,11	215	43,41	7,32
Cautela	59	15,73	5,69	98	15,60	7,29	58	13,38	6,69	215	15,04	6,77
Suavidade	59	12,55	3,06	98	12,68	3,38	58	11,78	2,86	215	12,40	3,17
Ser Gostado	59	22,08	4,68	98	23,26	4,85	58	24,52	4,83	215	23,27	4,86
Perfeccionismo	59	18,88	3,05	98	19,11	3,09	58	18,98	2,82	215	19,01	3,00
Intitulação	59	18,02	5,67	98	16,77	5,17	58	17,72	5,79	215	17,37	5,48
Severidade	59	12,76	2,80	98	12,90	2,60	58	12,78	3,46	215	12,83	2,89

TABELA 2

*Médias e Desvios Padrão dos Escores de Estilo Interpessoal e Valores de N em cada Ordem de Nascimento em Homens*

Escalas de Estilo Interpessoal

Posição na ordem de nascimento

	Filho único			Primogênito			'Do meio'			Caçula			Total		
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP
Pertencimento	12	34,2	5,98	61	34,5	6,41	63	36,7	5,11	50	34,5	6,44	186	35,2	6,03
Acompanhamto	12	28,8	6,88	61	30,9	6,02	63	31,2	4,79	50	30,3	6,79	186	30,7	5,90
Comando	12	20,3	6,54	61	18,9	5,66	63	17,9	6,35	50	18,4	5,46	186	18,5	5,89
Reconhecimto	12	43,1	5,85	61	42,5	6,65	63	40,8	7,02	50	39,2	7,72	186	41,1	7,12
Cautela	12	13,2	4,95	61	14,5	5,45	63	12,1	3,55	50	13,1	5,02	186	13,2	4,79
Suavidade	12	11,9	2,77	61	12,4	2,90	63	11,9	2,52	50	11,9	2,68	186	12,1	2,69
Ser Gostado	12	22,7	3,79	61	23,0	4,29	63	21,9	4,88	50	20,9	4,81	186	22,0	4,65
Perfeccionismo	12	21,1	2,44	61	19,5	3,20	63	19,1	2,79	50	18,7	3,21	186	19,2	3,06
Intitulação	12	19,7	5,10	61	16,0	4,34	63	15,7	4,51	50	15,8	4,23	186	16,1	4,49
Severidade	12	14,4	2,77	61	13,8	2,83	63	13,9	2,88	50	12,6	2,60	186	13,5	2,83

Houve interação entre sexo e ordem de nascimento para variações em Reconhecimento [F (2, 401 = 6,13,  $p < .01$ )], Ser gostado [F (2, 401 = 6,53,  $p < .01$ )], Acompanhamento [F (2, 401 = 3,43,  $p < .05$ )] e Cautela [F (2, 401 = 4,13,  $p < .05$ )]. As análises de variância e testes post hoc (Scheffe, Tukey) revelaram os resultados descritos a seguir.

Mulheres caçulas mostraram escores mais elevados do que homens caçulas nas escalas Reconhecimento [F (1, 108 = 14,66,  $p < .01$ )], Ser Gostado [F (1, 108 = 14,91,  $p < .01$ )] e Acompanhamento [F (1, 108 = 6,53,  $p < .05$ )]. Além disto, obtiveram escores mais elevados na escala de Acompanhamento em comparação com homens primogênitos [F (1, 118 = 5,00,  $p < .05$ )] e 'do meio' [F (1, 120 = 4,87,  $p < .05$ )]. E também apresentaram escores mais elevados do que mulheres primogênicas em Reconhecimento [F (2, 214 = 3,40,  $p < .05$ )] e Ser Gostado [F (2, 214 = 3,75,  $p < .05$ )].

Mulheres filhas 'do meio' mostraram escores mais elevados de Reconhecimento [F (1, 160 = 6,75,  $p < .05$ )], Ser gostado [F (1, 160 = 6,05,  $p < .05$ )] e Cautela [F (1, 160 = 12,15,  $p < .05$ )] em comparação com homens filhos 'do meio'.

Homens caçulas revelaram escores mais baixos em comparação com homens primogênitos e filhos únicos nas escalas Reconhecimento [F (3, 185 = 2,74,  $p < .05$ )] e Ser gostado [F (3, 185 = 2,85,  $p < .05$ )]. Ainda no grupo dos homens, filhos únicos revelaram escores mais elevados de Intitulação do que as demais categorias de ordem de nascimento [F (3, 185 = 2,93,  $p < .05$ )], e Perfeccionismo mais elevado do que os caçulas [F (3, 185 = 2,71,  $p < .05$ )]. E os primogênitos mostraram escores mais elevados em Cautela do que filhos 'do meio' [F (3, 185 = 2,82,  $p < .05$ )].

## Discussão

As mulheres caçulas mostraram escores elevados em Reconhecimento e Ser Gostado em comparação com as primogênicas e com homens caçulas. Além disto, também obtiveram escores mais elevados de Acompanhamento em comparação com homens primogênicos e 'do meio'. A combinação de escores elevados em Reconhecimento, Ser gostado e Acompanhamento sugere um movimento de evitação de conflito, aquiescência, receptividade e tentativa de atender a padrões de desempenho, configurando uma estratégia geral de cooperação ou mesmo submissão às expectativas alheias. Neste sentido, Sulloway (1999) descreveu as características dos caçulas como marcadas pelo traço de conciliatividade/amabilidade. Além disto, as mulheres caçulas podem, devido à socialização diferencial ligada ao gênero, usar mais de comportamento carismático e sedutor para obter influência no grupo. Nos estudos de Koch (citados por Sulloway, 1999) os traços expressivos de personalidade, associados ao gênero feminino, foram atribuídos com mais intensidade às meninas caçulas, que foram descritas como flexíveis e agradáveis. Deste modo, os dados sugerem que mulheres caçulas preferiam exercer influência por meios não confrontadores e pela habilidade para agradar os demais.

Por outro lado, os escores elevados em Reconhecimento revelam nas mulheres caçulas uma busca pelo sucesso mais acentuada do que as primogênicas. Neste sentido, na amostra estudada por Bohmer e Sitton (1993), as caçulas obtiveram maior status profissional do que as primogênicas. As caçulas podem estar revelando um aspecto de rebeldia, de modo consistente com a mesma tendência descrita em homens caçulas (Sulloway, 1999), na medida em que a luta por posições de status é um comportamento ligado ao estereótipo de gênero masculino. Deste modo, estariam apresentando um comportamento não-tradicional em termos dos estereótipos de gênero. Porém, no caso das mulheres, esta parece ser uma rebeldia menos ruidosa do que a masculina, considerando o imperativo de serem gostadas e não se confrontarem abertamente com as normas do grupo. Por outro lado, as primogênicas, tipicamente adeptas a agradar os adultos e agir de maneira socialmente convencional, talvez acabem por ceder à socialização feminina tradicional, que não enfatiza a ambição e o elevado sucesso profissional.

No grupo dos homens, os caçulas se mostraram com escores mais baixos em Reconhecimento e Ser gostado em comparação com primogênicos, e também em relação às mulheres caçulas. Estes dados indicam uma tendência a se preocupar menos com a aprovação externa e a apresentar comportamentos menos convencionais, o que corresponde ao argumento de Sulloway (1999) sobre a “vocação rebelde” destes indivíduos (p. 13). O autor mostrou evidências de que os caçulas, ao longo da história, foram mais receptivos às inovações científicas; e os

descreveu como mais abertos à experiência, argumento recentemente corroborado por Healey e Ellis (2007). Estes dados sugerem que o sexo do caçula tem influência importante no tipo de estratégia a ser utilizada na busca de um lugar no grupo familiar. Enquanto homens mostraram menor preocupação em agradar e corresponder a expectativas, as caçulas revelaram uma busca de aprovação e evitação de conflito. Uma possibilidade de entendimento dos dados é que a rebeldia atribuída aos caçulas apareça, no caso dos homens, pela recusa às ambições convencionais e pela procura de meios alternativos de reconhecimento; e, no caso das mulheres, na competição por *status*, um comportamento associado ao gênero masculino.

Os homens primogênitos mostraram escores elevados em Reconhecimento e Ser gostado em comparação com homens caçulas. Este dado confirma a necessidade elevada nestes indivíduos de atender às convenções, agradar e obter sucesso (Eckstein, 2000), características do traço de escrupulosidade atribuído por Sulloway (1999) a estes sujeitos. Por outro lado, os mesmos primogênitos mostraram escores mais baixos em Acompanhamento, em comparação com mulheres caçulas, revelando maior capacidade para agir com independência e para entrar em conflito, caracterizando uma tendência de comportamento tipicamente masculina. Neste sentido, a busca por *status* e reconhecimento de homens primogênitos provavelmente se dá de forma mais assertiva e menos aquiescente do que as mulheres caçulas. A busca por reconhecimento em homens primogênitos é consistente com as inúmeras pesquisas que constataram a maior motivação para o sucesso e *status* em primogênitos homens, revelada na tendência para alcançarem maior nível educacional (Zajonc, 2001).

Assim como os primogênitos, filhos únicos também mostraram escores elevados em Reconhecimento e Ser gostado em comparação com os caçulas. Ora, estas crianças tendem a receber cuidados especiais e a ser o alvo de expectativas parentais mais elevadas quanto à realização e *status* profissional (Leong, Hartung, Goh & Gaylor, 2001). Na medida em que outras crianças nascem, os pais tendem a ser mais abertos e liberais, e isto pode permitir que as mais jovens assumam maiores riscos ou escolham ocupações de menor prestígio social. Por exemplo, se o primogênito ou filho único decide ser um poeta, isto pode preocupar os pais. Mas se o caçula o faz, eles talvez não se importem tanto, uma vez que o primogênito tenha correspondido às suas expectativas de *status* social (Leong, Hartung, Goh & Gaylor., 2001).

Mulheres filhas 'do meio' mostraram escores mais elevados em Reconhecimento, Ser gostado e Cautela em comparação com homens 'do meio'. A combinação dos escores elevados nestas escalas sugere uma estratégia de cooperação marcada pela sensibilidade às necessidades alheias, atendendo expectativas e mostrando competência. De um modo geral, crianças 'do meio' foram caracterizadas como 'espremidas' entre irmãos mais velhos e mais jovens, e com dificuldades para encontrar o seu lugar na família. Este resultado sugere para as mulheres, que as habilidades

diplomáticas atribuídas a esta posição (Adler, 1954/1912; 1969/1929) estão associadas não somente com a preocupação com serem gostadas e reconhecidas, mas também a uma sensibilidade aos estados subjetivos alheios, sugerida pelos escores elevados tanto em Cautela quanto em Ser gostado. Considerando que a cooperação é uma tendência 'feminina', este resultado sugere que as mulheres reajam à condição de filhas 'do meio' com atitudes ainda mais acentuadas de busca de aceitação, docilidade e flexibilidade. Além disto, percebem esta situação como mais desfavorável do que os homens, como revelam os escores em Cautela.

Os sentimentos de intitulação e as exigências de atenção exclusiva são traços comportamentais freqüentemente usados para descrever filhos únicos. Homens filhos únicos revelaram maior intitulação do que homens primogênitos, caçulas e 'do meio', o que parece confirmar este estereótipo. Ora, os filhos únicos recebem os favores e cuidados típicos de um filho caçula e não sofrem comparações ou dividem as atenções com irmãos mais velhos. Noutra perspectiva, a intitulação pode estar associada a crenças otimistas sobre a vida e ao sentimento de que os acontecimentos terão um desfecho favorável. Porém, esta expectativa, quando exacerbada, pode resultar em dificuldades para enfrentar as frustrações da vida de forma positiva e autônoma, ocorrendo maior necessidade de afiliação sob estresse, tal como foi sugerido por Hoyt e Raven (1973) e apontado na revisão da literatura feita por Eckstein (2000).

Os escores elevados dos primogênitos na escala Cautela em comparação aos filhos 'do meio' sugerem que os primeiros percebem seu ambiente como mais desfavorável, no qual, portanto, devem ser cuidadosos e prevenidos. Este resultado é coerente com a descrição dos primogênitos como mais suscetíveis a sentimentos de insegurança e medo (Eckstein, 2000), apresentando características de neuroticismo (Sulloway, 1999) e, portanto, sendo mais freqüentemente encaminhados para serviços de atenção psicológica (Dunn & Kendrick, 1982; Dunn, & Plomin, 1990). O impacto do destronamento pode resultar numa postura mais cautelosa em relacionamentos de intimidade, produzindo maior sensibilidade com relação aos estados subjetivos alheios. Além disto, no primogênito, as pressões para realizar sonhos familiares podem gerar ansiedade diante da possibilidade de não corresponder aos padrões parentais, e baixa auto-estima se chegar à conclusão de que não é bom o bastante (Adler, 1912/1954, 1929/1969).

Os resultados deste estudo reforçam as idéias dos defensores da ordem de nascimento como uma variável importante na explicação de diferenças de personalidade (Adler, 1929/1969; Sulloway, 1999), e corroboram as tendências encontradas na literatura. Além disto, sugerem que há uma relação significativa entre sexo e ordem de nascimento na definição das estratégias que o indivíduo irá utilizar para se inserir no espaço social. A fim de dar continuidade a esta linha de investigação, recomendam-se estudos mais rigorosos que investiguem os efeitos da ordem de nascimento através de comparações entre irmãos da mesma família.

## Referências

- Adler, A. (1954). *El carácter neurótico*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1912).
- Adler, A. (1969). *The science of living*. Nova York: Anchor Books. (Original publicado em 1929).
- Beer, J. M., & Horn, J. M. (2000). The influence of rearing order on personality development within two adoption cohorts. *Journal of Personality*, 68, 789-819.
- Belmont, L. (1977). Birth order, intellectual competence and psychiatric status. *Journal of Individual Psychology*, 33, 97-104.
- Bohmer, P., & Sitton, S. (1993). The influence of birth order and family size on notable american women's selection of careers, *Psychological Record*, 43(3), 124-132.
- Brim, O. G., Jr. (1958). Family structure and sex-role learning by children: A further analysis of Helen Koch's data. *Sociometry*, 21, 1-16.
- Curlette, W. L., Wheller, M. S., & Kern, R. M. (1997). *Basis-A Inventory Technical Manual*. Highlands, NC: TRT Associates.
- Dreikurs, R. (1963). Individual Psychology: The Adlerian point of view. Em J. M. Wepman & R. Heine (Orgs.), *Concepts of personality* (pp. 147-162). Chicago: Aldine.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1982). *Siblings*. London: Grant McIntyre Ltd.
- Dunn, J., & Plomin, R. (1990). *Separate lives: why siblings are so different*. New York: Basic.
- Eckstein, D. (2000). Empirical studies indicating significant birth-order related personality differences, *Journal of Individual Psychology*, 56 (4), 481-494.
- Elliott, B.A. (1992). Birth order and health: mayor issues. *Social Science & Medicine*, 35, 443-452.
- Ernst, C., & Angst, J. (1983). *Birth Order*. Berlin: Springer-Verlag.
- Falbo, T. (1984). *The single-child family*. New York, New York: The Guilford Press.
- Feiring, C., Lewis, M., & Jaskir, J. (1983). Birth of a sibling: effect on mother-first born child interaction. *Journal of Developmental Bahavioral Pediatrics*, 4, 190-195.
- Forer, L. K., (1977). *The Birth Order Factor*. New York: David McKay.
- Gould, S.J. (1997). Dolly's fashion and Louis's passion. *Natural History*, 106, 18-24.
- Healey, M. D., & Ellis, B. J. (2007). Birth order, conscientiousness, and openness to experience. Tests of the family-niche model of personality using a within-family methodology. *Evolution and Human Behavior*, 28, 55-59.

- Hoyt, M. P., & Raven, B. H. (1973). Birth order and the 1971 earthquake. *Journal of Personality and Social Psychology, 20*, 122-128.
- Kalmuss, D., & Davidson, A. (1992). Parenting expectations, experiences, and adjustment to parenthood: a test of the violated expectations framework. *Journal of Marriage & the Family, 54*, 516-526.
- Koch, H. L. (1955). Some personality correlates of sex, sibling position, and sex of sibling among five- and six-year-old children. *Genetic Psychology Monographs, 52*, 3-50.
- Leong, F. T., Hartung, P. J., Goh, D., & Gaylor, M. (2001). Appraising birth order in career assessment: linkages to Holland's and Super's models. *Journal of Career Assessment, 9*, 25-39.
- Magalhães, M. (2005). Adaptação e validação da versão brasileira das Escalas de Estilos Interpessoais (BASIS-A). Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos da XXXV Reunião Anual de Psicologia* [CD-ROM]. Curitiba, PR: SBP.
- Marjoribanks, K. (1997). Ordinal position, family environment, and status attainment among Australian young adults. *The Journal of Social Psychology, 137*, 398-399.
- Newman, L. S., Higgins, E. T., & Vookles, J. (1992). Self-guide strength and emotional vulnerability: Birth order as a moderator of self-affect relations. *Personality and Social Psychology Bulletin, 18*, 402-411.
- Richardson, R.W., & Richardson, L.A. (1990). *Birth order and you*. North Vancouver, British Columbia: Self-Counsel Press.
- Saroglou, V., & Fiasse, L. (2003). Birth order, personality, and religion: A study among young adults from a three-sibling family. *Personality and Individual Differences, 35*, 1929.
- Sulloway, F.J. (1999). *Vocação rebelde: ordem de nascimento, dinâmica familiar e vidas criativas*. São Paulo: Record.
- Sulloway, F.J. (2001). Birth order, sibling competition and human behavior. Em H. R. Holcomb, III (Ed.) (pp. 39-84). *Conceptual challenges in evolutionary psychology: innovative research strategies*. Boston: Kluwer.
- Schachter, S (1963) Birth order, eminence and higher education. *American Sociological Review, 28*, 757-68.
- Toman, W. (1993). *Family Constellation*. New York: Springer.
- White, J., Campbell, L., & Stewart, A. (1995). Associations on the White-Campbell psychological birth order inventory and the Kern Lifestyle Scale. *Psychological Reports, 77*, 1187-1196.
- Watkins, C. E., Jr. (1992). Birth-order research and Adler's theory: A critical review. *Individual Psychology, 48*, 357-368.